



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

VANESSA SANTOS HOMES

**A organização do Espaço Escolar no Ensino Fundamental:  
uma Revisão de Literatura**

Porto Alegre  
1º Semestre  
2019

Vanessa Santos Homes

**A organização do Espaço Escolar para o Ensino Fundamental:  
uma Revisão de Literatura**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresentado como requisito obrigatório para obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Prof. Dra. Sandra dos Santos Andrade

Porto Alegre  
1º Semestre  
2019

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, que me deu saúde e forças para superar as dificuldades nesse final da graduação, e que guiou tudo conforme a sua vontade.

Aos meus pais, Maria Cirlei e Dovenir, que pegaram firme comigo, me fornecendo todo o suporte durante o processo de construção desta pesquisa, e principalmente dando atenção e carinho em dobro para o meu pequeno Ian, deixando mais leve os períodos da minha ausência.

Ao meu marido, Dieison Matos, que acreditou em mim mesmo antes de eu começar a faculdade, me apoiando e me escutando em todos os momentos de desespero ao longo da graduação.

Ao meu irmão Vinicius, que me ajudou com todo suporte técnico, não somente com a elaboração desta monografia, mas ao longo de toda graduação, com todos os trabalhos que envolviam edição de vídeos e imagens, e por dividir comigo o seu amado computador, principalmente nesse último semestre.

A minha querida orientadora Sandra Andrade, que com o seu olhar sensível acolheu a minha ideia e me ajudou a realizar essa tarefa, me encorajando e mostrando que era possível concretizá-lo, com o seu jeito todo especial conseguiu deixar esse momento, que é por vezes tenso, leve e agradável.

Muito obrigada!

## RESUMO

Esta produção acadêmica corresponde a um Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia (UFRGS). A temática escolhida para o trabalho foi a organização do espaço escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental e a metodologia de pesquisa adotada foi a Revisão de Literatura. O trabalho tem como objetivos investigar as publicações acadêmicas existentes no período de 2000 a 2018 sobre o tema da organização do espaço escolar e analisar de que maneira as pesquisas refletem sobre esta organização como potencializadora da aprendizagem. A partir desses objetivos, buscou responder ao problema de investigação: o que nos dizem as pesquisas sobre a organização do espaço escolar como potencializador das aprendizagens nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Para o processo de investigação, foram utilizados repositórios de buscas *online*, sendo elas: Lume, Capes, Scielo e Google. Buscou-se nestas plataformas todo o tipo de texto, resultado de pesquisa acadêmica sobre o tema: TCCs, teses, dissertações e artigos resultantes de pesquisas. Foi possível perceber que há uma importante preocupação com a questão do espaço escolar para o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos, uma preocupação advinda de diferentes campos teóricos, como a Arquitetura e a Educação, campos das pesquisas selecionadas. Os trabalhos trazem reflexões sobre o espaço escolar como um elemento constituinte do currículo escolar, sendo considerado uma forma silenciosa de ensino. Além disso, as pesquisas proporcionaram uma reflexão acerca da distinção entre o que é espaço e o que é ambiente, mostrando que são conceitos ligados e indissociáveis, uma vez que se complementam. Também foram localizados vários trabalhos que tratam do conceito de ambiente alfabetizador, apontando suas características e indicando como este pode favorecer o processo de alfabetização dos alunos, explicitando sobre como organizamos esse ambiente para que se torne lúdico e acolhedor. Por fim, foram localizados trabalhos que chamam a atenção para as questões de saúde do educando como o surgimento de problemas posturais quando os mobiliários não atendem as características da turma, da idade e da série.

**Palavras-chave:** Espaço Escolar. Ambiente Alfabetizador. Ensino Fundamental. Revisão Bibliográfica.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>8</b>
2.1	MÃOS A OBRA: PESQUISANDO NAS PLATAFORMAS DE BUSCA <i>ONLINE</i> .....	10
2.2	SELECIONANDO MATERIAIS: APLICANDO OS FILTROS .....	12
<b>3</b>	<b>O QUE NOS DIZEM AS PESQUISAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PARA O DESENVOLVIMENTO DAS APRENDIZAGENS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL?</b> .....	<b>17</b>
3.1	ARQUITETURA ESCOLAR.....	17
3.2	DELIMITANDO OS CONCEITOS: ESPAÇO E AMBIENTE ESCOLAR .....	20
3.3	ESPAÇO ESCOLAR COMO ELEMENTO DO CURRÍCULO .....	22
3.4	SALA DE AULA: UM AMBIENTE ALFABETIZADOR .....	23
3.5	COMO ORGANIZAR UM AMBIENTE ALFABETIZADOR .....	26
<b>3.5.1</b>	<b>Mesas dispostas em filas</b> .....	<b>29</b>
<b>3.5.2</b>	<b>Mesas agrupadas</b> .....	<b>30</b>
<b>3.5.3</b>	<b>Mesas em círculo</b> .....	<b>31</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES E APRENDIZAGENS</b> .....	<b>32</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta produção acadêmica, de cunho monográfico, corresponde a um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como finalização da graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A temática escolhida diz respeito a organização do espaço escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tendo como objetivos investigar as publicações existentes no período de 2000 a 2018 sobre o tema da organização do espaço escolar e analisar de que maneira as pesquisas refletem sobre a organização do espaço escolar como potencializador da aprendizagem. E assim, a partir desses objetivos, busquei responder ao problema de pesquisa proposto para este trabalho: o que nos dizem as pesquisas sobre a organização do espaço escolar como potencializador das aprendizagens nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Para responder a esta questão, escolhi como metodologia de pesquisa a Revisão de Literatura, a fim de construir um acervo de materiais escritos que discorressem sobre o espaço escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para a investigação foram utilizados repositórios de buscas *online*, sendo elas: Lume, Capes, Scielo e Google. Buscou-se nestas plataformas todo o tipo de texto resultado de pesquisa acadêmica sobre o tema: TCCs, teses, dissertações e artigos.

O presente trabalho está dividido da seguinte forma: no próximo capítulo trata-se sobre a metodologia escolhida para o desenvolvimento da pesquisa, apresentando-se os diferentes filtros utilizados para a seleção dos materiais encontrados bem como os textos resultantes da aplicação destes filtros; no terceiro capítulo são analisados os textos localizados na revisão bibliográfica, divididos por assuntos, ou seja, por categorias de análises. Por sua vez, estas categorias estão organizadas a partir do modo como os temas foram encontrados dentro dos textos localizados na revisão. Desse modo, na seção 3.1 – A arquitetura escolar – faz-se uma breve reflexão sobre construções de escolas e quais eram os objetivos desta construção para a época. Na seção 3.2 – Delimitando os conceitos: espaço e ambiente escolar – desenvolve-se a compreensão dos conceitos de espaço e ambiente, fazendo a devida distinção entre os dois, os quais são considerados conceitos intimamente interligados; na seção 3.3 – Espaço escolar como elemento do currículo – reflete-se acerca do espaço como pertencente ao currículo escolar, trazendo uma análise crítica sobre currículo oculto ou implícito; na seção 3.4 – Sala de aula: um ambiente alfabetizador – aborda-se o

conceito, as características e como este ambiente pode ser um potencializador das aprendizagens; na seção 3.5 – A organização da sala aula – são trazidas reflexões sobre os mobiliários que compõem a sala de aula e modos de organização dos mesmos. No quarto e último capítulo – Considerações e aprendizagens – é feito o fechamento sobre os assuntos abordados e apresentadas as aprendizagens que foram significativas durante o processo de investigação.

## 2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Ao longo do curso de Pedagogia, tive a oportunidade de observar diversas salas de aulas, as quais tinham diferentes maneiras de organização do seu espaço. Durante essas observações, o que mais me chamava a atenção era como as pessoas, tanto os alunos quanto os professores, se apropriavam desse espaço destinado para ser a sala de aula. Interessava-me ver como organizavam a disposição das classes e cadeiras, os materiais didáticos expostos nas paredes, e se o objetivo dessa exposição era só decorativo ou, também, para consulta.

Existem inúmeros aspectos da organização espacial de uma sala de aula que podem favorecer ou desfavorecer as relações entre professor/a e aluno/as e os processos de apropriação de conhecimentos, quaisquer que eles sejam. O ambiente de uma sala de aula pode ser construído de forma mais coletiva, acolhedora e agradável, além de funcional, em que se registram e reconhecem traços da identidade dos/as alunos/as, e da professora ou professor. Mas também pode ser um local impessoal, repleto de signos distantes da realidade e das singularidades das crianças, o que implica, conseqüentemente, o sentimento da falta de pertencimento àquele lugar. Ribeiro salienta que “o espaço escolar não é neutro e está impregnado de signos, símbolos, e marcas de quem o produz, organiza e nele convive, por isso, tem significações afetivas e culturais” (RIBEIRO, 2004, p. 103).

Dessa forma, acredito que os estudos empenhados em refletir sobre a organização dos espaços onde ocorrem as aprendizagens escolares seja um caminho importante para se conseguir chegar o mais próximo possível de uma educação de qualidade. Ainda mais quando nos referimos aos anos iniciais do Ensino Fundamental, quando esta preocupação parece não ser tão necessária quanto na Educação Infantil. É indispensável observar os contextos em que os alunos aprendem os conteúdos e, a partir disso, criar condições que auxiliam essas aprendizagens. Dentre essas condições, considero tanto a maneira como organizamos o ambiente da sala de aula, quanto a qualidade e exposição do material didático, como fatores essenciais no desenvolvimento das aprendizagens. Segundo Ribeiro,

O espaço escolar deve compor um todo coerente, pois é nele e a partir dele que se desenvolve a prática pedagógica, sendo assim, ele pode constituir um espaço de possibilidades, ou de limites; tanto o ato de ensinar como o de aprender exigem condições propícias ao bem-estar docente e discente (RIBEIRO, 2004, p. 105).



A partir destas impressões iniciais, a temática escolhida para o desenvolvimento dessa pesquisa diz respeito a uma revisão de literatura sobre a organização do espaço escolar, tendo como objetivos:

- investigar as publicações existentes em plataformas *online* no período de 2000 a 2018 sobre o tema da organização do espaço escolar;
- analisar de que maneira as pesquisas localizadas refletem sobre a organização do espaço escolar como potencializador da aprendizagem.

A partir desses objetivos, pretendo responder ao problema de pesquisa proposto para este trabalho: o que nos dizem as pesquisas sobre a organização do espaço para o desenvolvimento das aprendizagens das crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Com a Revisão de Literatura, busquei identificar o que é dito em relação ao espaço escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, foram utilizados repositórios de buscas *online* como: Lume,<sup>1</sup> Capes,<sup>2</sup> Scielo<sup>3</sup> e Google. Buscou-se nestas plataformas todo o tipo de trabalho de pesquisa acadêmica sobre o tema: TCCs, teses, dissertações e artigos resultantes de pesquisas. A parte metodológica de uma pesquisa consiste na descrição das ações percorridas em um caminho preciso e metodicamente ordenado, o qual pode seguir em direção a um ou mais objetivos. Sendo esse caminho que nos leva a alcançar os fins de uma investigação. Ou seja, a metodologia é o conjunto de procedimentos a serem utilizados pela pesquisadora na obtenção do conhecimento. É a aplicação de um método, por intermédio de processos e técnicas, que garantem a legitimidade do saber obtido (GERHARDT; SILVEIRA, 2008). A partir deste entendimento, a metodologia de pesquisa aqui empregada, a Revisão de Literatura ou também denominada Revisão Bibliográfica, é um meio de pesquisa utilizado para realização de um levantamento sobre o que já foi publicado

---

<sup>1</sup> O Lume é o repositório digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, disponível no endereço <http://www.lume.ufrgs.br>.

<sup>2</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação do Ministério da Educação (MEC), desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação. Tendo como umas das suas atividades o acesso e divulgação da produção científica pelo endereço <https://www.capes.gov.br>.

<sup>3</sup> A Scientific Electronic Library Online (SciELO) é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros, da América do Sul, Península Ibérica e África do Sul, congregando pesquisas em espanhol e língua portuguesa. Pode ser acessada pelo endereço <https://www.scielo.org/pt/>.

por diversos autores, seja em livros, trabalhos de pesquisa, revistas, publicações avulsas de determinadas áreas de conhecimento sobre temas específicos (MARCONI; LAKATOS, 2008). Portanto, uma pesquisa de Revisão de Literatura consiste em, segundo Motta-Roth e Hendges (2010, p. 90),

[...] utilizar, reconhecer e dar crédito à criação intelectual de outra(os) autoras(es); uma questão básica de ética acadêmica e de consciência sobre o grau de ineditismo da nossa pesquisa, pois demonstramos saber que não estamos “reinventando a roda”.

Além disso, a Revisão de Literatura ou Revisão Bibliográfica colabora com a obtenção de informações atuais sobre o assunto pesquisado e com a reflexão sobre as opiniões que convergem e divergem a respeito de um mesmo tema de pesquisa (SILVA; MENEZES, 2001). A Revisão de Literatura se torna, segundo Bento (2012, p. 1)

[...] indispensável não somente para definir bem o problema, mas também para obter uma ideia precisa sobre o estado atual dos conhecimentos sobre um dado tema, as suas lacunas e a contribuição da investigação para o desenvolvimento do conhecimento.

Foi com base neste entendimento, sobre o que é e qual a importância de uma Revisão de Literatura, que iniciei o processo de busca nos repositórios *online*. Neste processo fui organizando e aplicando os filtros necessários para chegar aos materiais que constituíram o *corpus* desta investigação e que respondiam a minha questão de pesquisa.

## 2.1 MÃOS A OBRA: PESQUISANDO NAS PLATAFORMAS DE BUSCA *ONLINE*

Dando início ao processo de investigação, fiz a primeira pesquisa nos repositórios de busca *online* e me deparei com a dificuldade de escolher os descritores de buscas adequados para que pudesse encontrar materiais com a temática desejada, mas que não ficassem tão dispersos por áreas diferentes ou, ainda, que não tivessem como foco outro nível de ensino que não fosse os anos iniciais do Ensino Fundamental. Comecei esse trabalho com palavras muito amplas, o que estava dificultando as buscas. Colocando, por exemplo, apenas a palavra “espaço escolar”, obtive uma vasta gama de estudos com ela, sendo esses de diversas áreas do conhecimento envolvendo o âmbito escolar de modo muito amplo. Dentre as

diferentes possibilidades, apareceram trabalhos tratando sobre a alimentação no espaço escolar, sobre a violência no espaço escolar, sobre a arquitetura do espaço escolar, dentre outras, sendo que o meu foco era a aprendizagem.

Desse modo, recomecei as buscas nos repositórios fazendo uma segunda pesquisa com os descritores mais focadas no tema: **organização do espaço escolar**, **arquitetura escolar** e **ambiente alfabetizador**. Inicialmente, as pesquisas foram feitas com cada um dos descritores isoladas nas plataformas de buscas. Desse modo, consegui chegar mais próxima do tema de interesse para essa pesquisa. No entanto, ao pesquisar sobre a organização do espaço escolar, percebi que a grande maioria dos trabalhos encontrados se referiam a esta organização com foco na Educação Infantil, havendo uma grande escassez de trabalhos na área dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dessa forma, os outros dois descritores de buscas, arquitetura escolar e ambiente alfabetizador, foram essenciais para localizar trabalhos com enfoque na organização do espaço para o desenvolvimento das aprendizagens nos anos iniciais.

Na pesquisa com os termos “**organização do espaço escolar**” foram localizadas 2.025 pesquisas no repositório da Capes, sendo que somente os primeiros 250 trabalhos tinham, de fato, relação com a expressão “organização do espaço escolar”. Neste momento realizei somente a leitura dos títulos, e quando percebi, ao final dos 250 primeiros trabalhos, que o assunto se dispersou, finalizei as buscas. Localizei 45 pesquisas na plataforma da Scielo e 306 pesquisas no repositório do Lume. O segundo descritor de busca usada na investigação foi “**arquitetura escolar**” e foram localizadas 495 pesquisas no repositório da Capes, 34 pesquisas no repositório da Scielo e 90 pesquisas no repositório do Lume. O terceiro e último descritor a ser colocada no campo de buscas foi “**ambiente alfabetizador**” e foram localizadas 47 pesquisas no repositório da Capes, nenhuma pesquisa no repositório da Scielo e 7 pesquisas no repositório do Lume. Como localizei poucas pesquisas nesses repositórios com a expressão “ambiente alfabetizador”<sup>4</sup> fiz uma pesquisa direta no Google, colocando ao lado da expressão-chave a palavra “artigos”. Dessa forma, foram localizados 175.000 resultados. Fui realizando somente a leitura dos títulos, e quando percebi que o assunto dispersava finalizei as buscas, resultando que

---

<sup>4</sup> O conceito de “ambiente alfabetizador” será explicado no desenvolvimento deste trabalho.

os 80 primeiros trabalhos estavam relacionados diretamente com a temática, tendo nesses resultados uma mistura de resumos em *blogs* e *sites* informais.

Num terceiro processo de filtragem nos repositórios de buscas *online*, mudei o método de pesquisa, dessa vez fiz as buscas com mais de descritor de busca e separando por vírgulas. A busca foi com os descritores: **escola, organização do espaço e ensino fundamental**. Essa busca foi feita através da plataforma do Google, onde foram localizados 18.800 resultados. Como nas vezes anteriores, fui realizando somente a leitura dos títulos, quando se dispersou o assunto, finalizei as buscas. Neste processo, somente os 70 primeiros trabalhos pareciam estar relacionados com a temática desejada para o desenvolvimento desta pesquisa, esses 70 textos envolviam materiais em *blogs*, *sites* informais e resumos. Não obtive resultados repetindo esta pesquisa nos demais repositórios, Capes, Scielo e Lume, uma vez que os resultados obtidos ficavam muito amplos, pois os repositórios encaminhavam pesquisas que estavam envolvendo outros assuntos relacionados apenas com alguns dos descritores e não todos juntos.

## 2.2 SELECIONANDO MATERIAIS: APLICANDO OS FILTROS

Somente a busca por esses descritores nos repositórios *online* não garantia que as pesquisas encontradas desenvolvessem, efetivamente, a temática que eu desejava investigar dentro de seus estudos. Portanto, foi necessária a criação de novos filtros que permitissem o uso de outros critérios de seleção dos trabalhos encontrados até então.

Realizei o primeiro filtro nos textos obtidos nos repositórios, fazendo a leitura de alguns elementos em todos os trabalhos selecionados, tanto na segunda pesquisa, em que utilizei os descritores de buscas isolados nos repositórios de busca *online*: **organização do espaço escolar, arquitetura escolar e ambiente alfabetizador**; quanto na terceira pesquisa, em que utilizei descritores de buscas separados por vírgula nos repositórios de buscas: **escola, organização do espaço e ensino fundamental**. Sendo assim, começava a leitura pelo título, em seguida lia as palavras-chave, finalizando com o resumo. Quando o texto apresentava coerência entre os termos utilizados nos títulos, nas palavras-chave e no resumo, a pesquisa era salva. A pesquisa que continha as palavras somente no título ou nas palavras-chave e não conversava com o seu resumo, era descartada.

Dessa maneira, na segunda pesquisa com o uso do primeiro filtro, foram localizados 41 trabalhos sobre o assunto. Desses 41 trabalhos, 17 são sobre o assunto da organização do espaço escolar, 11 sobre a arquitetura escolar e 13 sobre ambiente alfabetizador, incluindo tanto a Educação Infantil quanto o Ensino Fundamental.

Na terceira pesquisa, combinando as palavras **escola**, **organização do espaço** e **ensino fundamental**, foram localizados 70 materiais, e aplicando o filtro restaram 11 trabalhos. Os textos de *sites* e *blogs* foram logo descartados, pois interessava artigos e trabalhos resultantes de pesquisas.

Tabela 1 – Resultados das pesquisas

Descritores de busca	Resultados obtidos com o 1° filtro
Organização do espaço escolar	17
Ambiente alfabetizador	13
Arquitetura escolar	11
Palavras combinadas: escola, organização do espaço, ensino fundamental	11
<b>Total de pesquisas</b>	<b>52</b>

Fonte: Elaborada pela autora.

Plataforma	4 Descritores de busca
<b>Lume</b>	<b>11</b>
<b>Capes</b>	<b>11</b>
<b>Scielo</b>	<b>8</b>
<b>Google</b>	<b>17</b>

Fonte: Elaborada pela autora.

O segundo filtro utilizado foi de leitura completa desses trabalhos, analisando apenas, em um primeiro momento, se os/as autores/as desenvolviam em suas pesquisas o que prometiam no resumo, analisando se o trabalho vinha ao encontro do problema da minha pesquisa e se o seu foco de ensino era os anos iniciais do

Ensino Fundamental. Houve somente um caso de pesquisa repetida, pois foi encontrada a mesma em dois repositórios diferentes.

Depois da utilização deste segundo filtro, restaram 18 trabalhos de pesquisas, sendo elas: três sobre a organização do espaço escolar, sete sobre o ambiente alfabetizador, quatro sobre a arquitetura escolar e quatro com as palavras combinadas. Os 18 trabalhos encontram-se listados na tabela a seguir, por ordem alfabética.

Tabela 2 – Resultados de pesquisa com 2º filtro

	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Gênero Textual</b>	<b>Palavras-Chave</b>	<b>Plataforma</b>
1	1º ano do ensino fundamental, que espaço escolar é esse?	Renata Lautenschlaeger	2006	TCC	Espaço escolar	Lume
2	A arquitetura escolar como objeto de pesquisa em história da educação	Célia Rosângela Dantas Dórea	2013	Artigo	Arquitetura escolar	Scielo
3	A construção do ambiente alfabetizador no ensino fundamental de nove anos	Leidiane Rocha Leodoro Campos e Claudia Maria Sahade Laurino	2010	Artigo	Ambiente Alfabetizador, Ensino Fundamental	Google
4	A reorganização do Espaço Escolar e suas Implicações Pedagógicas: Caso Exemplar da Escola Municipal de Ensino Fundamental "Desembargador Amorim Lima"	Rogério Venturineli, Simone Seixas Picareli e Ricardo Venturineli	2017	Artigo	Espaço escolar	Capes
5	A sala de aula do século XIX: disciplina, controle e organização	Eduardo Arriada, Gabriela Medeiros Nogueira e Mônica Maciel Vahl	2012	Artigo	Espaço escolar	Capes
6	Ambiente Alfabetizador além da sala de aula	Edilânia Cardoso da Silva, Sidneya Ferreira Lira Duarte	2014	Artigo	Ambiente Alfabetizador	Google

7	Ambiente Alfabetizador: teoria <i>versus</i> prática - Um relato de experiência em turmas do 1º do ensino fundamental	Sayonara Fernandes Chagas, Paula Eva Nunes Moura, Jéssica de Araújo Oliveira e Aparecida Carneiro Pires	2015	Artigo	Ensino Fundamental	Google
8	Ambiente Alfabetizador: Estudo de caso em escola pública no município de Gurupi – TO	Leandro Gomes da Silva e Liamar Marques Pereira	2014	Artigo	Ambiente Alfabetizador	Google
9	Ambientes alfabetizadores e suas contribuições ao processo de alfabetização	Aline Moreira e Luciane Vicente	2017	TCC	Ambiente Alfabetizador	Google
10	Arquitetura escolar: currículo ou curral	Enéas Arrais Neto, Diego Enéas Peres Ricca e Raphael Pires de Souza	2016	Artigo	Arquitetura escolar	Capes
11	Desconstruções Edificantes: Uma análise da ordenação do espaço como elemento do currículo	Cristianne Maria Famer Rocha	2000	Dissertação de Mestrado	Arquitetura escolar	Lume
12	Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo	Solange Lucas Ribeiro	2004	Artigo	Espaço escolar	Capes
13	Espaço escolar: modernizações produtivas	Cristianne Maria Famer Rocha	2000	Artigo	Arquitetura escolar	Lume
14	Lugar-Escola: Espaços Educativos	Eliane Cristina Gallo Aquinord	2013	Artigo	Espaço escolar, Arquitetura escolar	Scielo
15	O Ambiente Alfabetizador	Vera Cristina Paulista da Silveira	2016	Artigo	Ambiente alfabetizador	Google
16	Os espaços escolares e a constituição de um programa antidisciplinar	Maria Rosa Chaves Kunzle	2007	Artigo	Arquitetura escolar	Capes
17	Planejamento e organização do espaço da sala de aula como Ambiente Alfabetizador	Elisangela de Camargo Ferro	2013	TCC	Ambiente Alfabetizador	Google

18	A organização do espaço no 1º ano do ensino fundamental	Suzana Serodio	2015	TCC	Ensino Fundamental	Google
----	---	----------------	------	-----	--------------------	--------

Fonte: Elaborada pela autora.



### **3 O QUE NOS DIZEM AS PESQUISAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PARA O DESENVOLVIMENTO DAS APRENDIZAGENS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL?**

A fim de atingir o segundo objetivo proposto para essa pesquisa – analisar de que maneira as pesquisas refletem sobre a organização do espaço escolar como potencializador da aprendizagem –, elaborei uma divisão por assuntos elencando, assim, as categorias de análise, abordando desde a arquitetura escolar até a criação de um ambiente alfabetizador, para enfim responder a pergunta de pesquisa.

#### **3.1 ARQUITETURA ESCOLAR**

Foi uma surpresa quando encontrei, na Revisão de Literatura, artigos pertinentes para a minha pesquisa com o assunto da arquitetura escolar, advindos de pesquisas da área da arquitetura, trazendo questões que dificilmente são discutidas e analisadas na área da educação.

De acordo com o grupo de pesquisadores Enéas Arrais Neto, Diego Enéas Peres Ricca e Raphael Pires de Souza (2016), a arquitetura escolar é uma problemática que foi negligenciada, tanto nos estudos teóricos da arquitetura, quanto no processo de formação de educadores. “Pouco ou nada se discutiu da relação pedagógica do espaço escolar e da importância educativa da edificação e de sua concepção arquitetônica” (ARRAIS NETO; RICCA; SOUZA, 2016, p. 138).

Conforme Célia Dórea (2013), começou por volta do século XIX a preocupação em se ter um lugar específico para a escola. Dórea (2013) fundamenta a sua reflexão em Souza (1998) dizendo que,

Em determinado momento, políticos e educadores passaram a considerar indispensável a existência de casas escolares para a educação de crianças, isto é, passaram a advogar a necessidade de espaços edificados expressamente para o serviço escolar. Esse momento coincide com as décadas finais do século XIX e com os projetos republicanos de difusão da educação popular (SOUZA, 1998 apud DÓREA, 2013, p. 165).

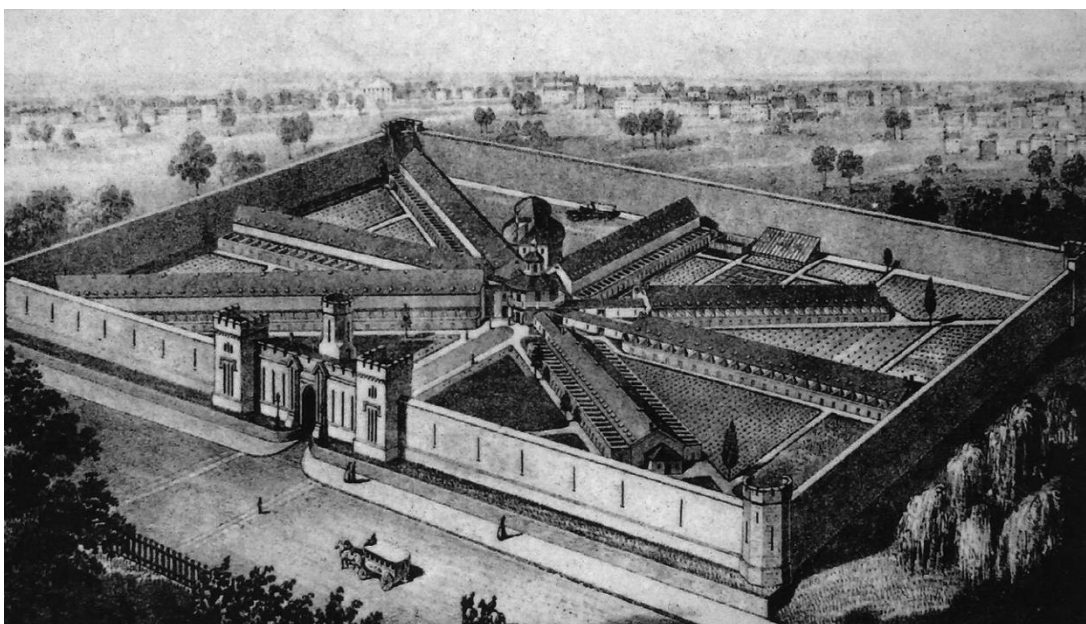
Dórea (2013) mostra que a escola era vista como um veículo para uma “reconstrução nacional”, sendo considerada a única capaz de transformar o homem comum. Tendo como objetivo principal, segundo Maria Kunzle (2007) em sua pesquisa localizada com a revisão bibliográfica, o disciplinamento dos corpos e a

obediência. Ainda de acordo com Kunzle (2007), esse objetivo desenvolvia uma sociedade disciplinar, promovendo uma “ortopedia social”,<sup>5</sup> a qual utilizou como estratégia um processo de arquetonização e planejamento, construindo uma paisagem com intenções punitivas, produtivas e educativas (KUNZLE, 2007).

Uma forma arquitetônica muito utilizada, conforme mostram os textos de Kunzle (2007) e de Arrais Neto, Ricca e Souza (2016), é o “Panóptico de Bentham” – designa uma prisão que apresentava uma concepção de controle visual, buscava a autorrepressão dos próprios detentos pela sensação de estarem sendo constantemente vigiados. A sua estrutura física consiste em celas visíveis a qualquer momento de qualquer ângulo, as portas eram abertas para um pátio, central, tendo uma torre fechada onde os vigias não são visíveis (ARRAIS NETO; RICCA; SOUZA, 2016).

Como nos mostra a Figura 1 a seguir:

Figura 1 – Panóptico de Bentham



Fonte: <http://safeklick.mobi/panoptico-foucault-56/>.

Kunzle (2007) afirma que a função principal do Panóptico era a vigilância e, ancorada agora nos pensamentos de Michel Foucault (1999), diz que

---

<sup>5</sup> Ortopedia social: trata-se de uma forma de poder, de um tipo de sociedade classificada como sociedade disciplinar por oposição às sociedades propriamente penais conhecidas anteriormente. Para saber mais acesse o texto *O Panopticon*, disponível no Portal Gens, pelo endereço [http://portalgens.com.br/filosofia/textos/panopticon\\_foucault.pdf](http://portalgens.com.br/filosofia/textos/panopticon_foucault.pdf).

Em cada uma das celas havia um sujeito a ser vigiado, segundo o objetivo de cada instituição, seja uma criança aprendendo, um operário trabalhando, um prisioneiro se corrigindo, um louco atualizando a sua loucura (FOUCAULT, 1999 apud KUNZLE, 2007, p. 224).

Complementando o pensamento sobre a arquitetura escolar e os seus objetivos, as autoras Eliane Cristina Gallo Aquinord e Elisabeth Adorno de Araujo (2013) fazem uma reflexão acerca do funcionamento da escola, comparando-a com o funcionamento de um relógio, fundamentando esse pensamento nos estudos de Viñao Frago (2001 apud AQUINORD; ARAUJO, 2013). Este autor descreve que o método educativo aplicado nos espaços escolares com a finalidade de se evitar o movimento dos alunos, assemelha-se a “um dispositivo mecânico semelhante a um relógio”, e assim descreve: “[...] esse método e sua correlativa organização das pessoas e objetos na sala de aula não era senão um dispositivo mecânico, com toda precisão de um relógio, aplicado a seres vivos num espaço fechado e reduzido” (FRAGO, 2001 apud AQUINORD; ARAUJO, 2013, p. 234).

Aprofundando as análises, as autoras mencionadas refletem sobre o ato de analisar o espaço da escola, que consiste em olhar para um espaço sacralizado há séculos. Mostram ainda que essa concepção do espaço escolar se deu conforme as necessidades de uma determinada época e sociedade diferentes. No entanto, as autoras salientam uma espécie de apego a esse espaço por já ser conhecido e íntimo de seus usuários. Aquinord e Araujo (2013) afirmam que

A secreta sacralização do espaço escolar permanece porque ainda não se soube olhá-lo atentamente com respeito e perceber a necessidade de mudança para o homem contemporâneo no atendimento de seu afetivo ensino-aprendizado (AQUINORD; ARAUJO, 2013, p. 233).

Fundamentando-se em Silva (2006), as autoras trazem o seguinte pensamento:

[...] revolucionar o conceito de escola significa ir às raízes e desconstruir a lógica do modelo precedente, permitindo a multiplicidade de sentidos para um mesmo objeto arquitetônico. Desse modo, não se trata de contradições arquitetônicas da arquitetura moderna, mas de uma vontade consciente de tornar explícito um movimento de pensamento capaz de questionar os estereótipos responsáveis pelo desenho padrão de escola (SILVA, 2006 apud AQUINORD; ARAUJO, 2013, p. 233).

Dessa forma, o educador deve observar cuidadosamente os espaços escolares onde desenvolve a sua prática educativa, para assim ser capaz de descobrir novas alternativas para o desenvolvimento de seu trabalho pedagógico. Com o intuito de

escapar da concepção do funcionamento de um relógio, “a fim de refletir sobre suas próprias ações educativas” (AQUINORD; ARAUJO, 2013, p. 233).

### 3.2 DELIMITANDO OS CONCEITOS: ESPAÇO E AMBIENTE ESCOLAR

Para começar a discorrer sobre a diferença entre espaço e ambiente escolar, é necessário, primeiramente, delimitar o seu conceito apoiado nos textos localizados no processo de revisão bibliográfica. Suzana Serodio (2015), em seu trabalho, traz as definições embasada nos autores Zabalza e Forneiro (1998 apud SERODIO, 2015), que fazem a distinção entre o que é espaço e o que é ambiente, mesmo tendo a clareza de que são conceitos ligados e indissociáveis, uma vez que se completam em suas diferenças. Deste modo, o termo espaço está ligado a locais onde as atividades são realizadas pelos alunos, somando a disposição e organização dos objetos, dos móveis, dos materiais e da decoração. Já o ambiente está ligado ao conjunto das relações estabelecidas nesse espaço físico, sendo elas construídas pela interação professor/aluno, aluno/aluno, aluno/espaço. Serodio (2015) complementa o pensamento trazendo uma citação de Forneiro:

[...] como um todo indissociável de objetos, odores, formas, cores, sons e pessoas que habitam e se relacionam dentro de uma estrutura física determinada que contém tudo e que, ao mesmo tempo, é contida por todos esses elementos que pulsam dentro dele como se tivessem vida. [...] o ambiente “fala”, transmite sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes (FORNEIRO, 1998 apud SERODIO, 2015, p. 27).

Renata Lautenschlaeger (2006) concorda, em sua pesquisa, com os conceitos de espaço e ambiente estabelecidos por Serodio (2015), apoiando-se também nos autores Zabalza e Forneiro (1998). Lautenschlaeger (2006) acrescenta a reflexão sobre espaço escolar remetendo aos anos iniciais do Ensino Fundamental, afirmando que esse espaço escolar não encontra muitas diferenças de uma instituição para outra. Em suma, salas de aula são ambientes que se limitam a classes de madeira quadrada, organizadas em filas, duplas ou grupos, voltadas para o quadro verde, tendo na sala uma mesa grande em destaque para a professora e um armário fechado para guardar os materiais. Sendo assim vista como um padrão. Lautenschlaeger (2006) nos mostra que

A escola moderna [...] apresenta-se como um espaço para a vigilância, para o disciplinamento e controle social. O espaço escolar espera das crianças que estas se ajustem às condições espaciais disponíveis [...]. A maior preocupação está em controlar o bom comportamento e garantir que as crianças trabalhem com a finalidade de estarem aptas à aprovação no final de cada ano (LAUTENSCHLAEGER, 2006, p. 21).

Localizei na revisão bibliográfica mais uma pesquisadora que compartilha este pensamento já apresentado nas pesquisas anteriores. Solange Lucas Ribeiro (2004) traz a definição do conceito de espaço e ambiente, ancorada agora em outros autores, mas que refletem de forma semelhante: Lima (1989) e Frago (1998). Para Lima (1989 apud RIBEIRO, 2004), o espaço é como um pano de fundo, onde ocorrem as interações professor/aluno, aluno/aluno, aluno/espaço. Lima (1989) afirma que a partir dessas interações o espaço ganha uma nova condição: a de ambiente. Para Frago (1998 apud RIBEIRO, 2004 p. 105), “essa tomada de posse do espaço vivido é um elemento determinante na confirmação da personalidade e mentalidade dos indivíduos e dos grupos.”

A preocupação com a organização do espaço escolar para o Ensino Fundamental ganhou uma nova visibilidade, segundo Renata Lautenschlaeger (2006) e Suzana Serodio (2015), a partir da implementação da Lei Federal nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, que aumenta em um ano o Ensino Fundamental, mudando a configuração das séries, passando a existir um ano a mais a ser cursado antes do antigo primeiro ano do segundo grau. De acordo com Lautenschlaeger (2006, p. 22), “o espaço passa a ser visto como extensão das necessidades das crianças”.

Anteriormente a esta lei, a preocupação com o espaço da sala de aula aparecia, basicamente, em trabalhos e pesquisas com foco na Educação Infantil, que defendem a importância de um ambiente pensado, planejado e construído para atender as necessidades da infância (LAUTENSCHLAEGER, 2006). Sendo esse um fato diagnosticado com o levantamento bibliográfico realizado para esta pesquisa, onde das 17 pesquisas encontradas sobre espaço escolar, somente três delas se destinavam ao Ensino Fundamental. Contudo, com a Lei nº 11.274, isso mudou, devido ao fato de estarem entrando crianças mais novas para o primeiro ano do Ensino Fundamental, tendo elas seis anos ou até mesmo seis anos incompletos no primeiro ano. Essa mudança fez com que crescesse a necessidade de se pensar mais cuidadosamente sobre o espaço para crianças nos anos iniciais, no entanto ainda há pouco estudo no assunto.

### 3.3 ESPAÇO ESCOLAR COMO ELEMENTO DO CURRÍCULO

As pesquisas da área da arquitetura escolar analisam, de forma mais profunda, a questão do espaço escolar como elemento constituinte do currículo. Arrais Neto, Ricca e Souza (2016) apontam que o currículo é algo pertencente a todas as escolas como base para o desenvolvimento do seu trabalho, cada escola cria a sua concepção curricular que reflete um modelo formativo, expressando um referencial pedagógico baseado em visões do mundo, de sociedade e de ser humano que se pretende desenvolver (ARRAIS NETO; RICCA; SOUZA, 2016).

Este grupo de pesquisadores, Arrais Neto, Ricca e Souza (2016), bem como a pesquisadora Cristiane Maria Famer Rocha (2000), trazem em sua reflexão o conceito de currículo escolar como sendo o “percurso ou processo” de tudo que ocorre dentro da escola e para todas as pessoas envolvidas no âmbito escolar, sejam elas alunos, professores, técnicos da administração, quadros de apoio e manutenção da edificação e funcionamento, pais e pessoas ou grupos da comunidade que eventualmente frequentam a escola para algum acontecimento especial (ARRAIS NETO; RICCA; SOUZA, 2016). Os autores mencionados apresentam esse conceito apoiados na etimologia da palavra currículo, “do latim *currare* = correr, *curriculum* pode significar carreira, corrida, pista de corrida, trajeto a ser percorrido” (ROCHA, 2000, p.18).

Rocha (2000) faz uma reflexão histórica sobre o uso do termo currículo, na tentativa de compreender as possíveis ações, práticas e/ou disciplinas que o envolvem. Sendo essa reflexão dividida em três possíveis hipóteses sobre o aparecimento da concepção de currículo: a primeira é ancorada no teórico Hamilton (1992 apud ROCHA, 2000), estando associada a uma ideia de “plano estruturado de estudos”. A segunda estaria ligada ao movimento industrial norte-americano, a “institucionalização da educação de massas que permitem que o campo de estudos do currículo surgisse nos Estados Unidos como um campo profissional especializado” (SILVA, 1999 apud ROCHA, 2000, p. 19). A terceira estaria ligada aos gregos, por ser considerado “aquilo que ensina” um substituto grego do termo latino *curriculum*, “[...] já que tal palavra não existia na Grécia antiga” (ROCHA, 2000, p.19).

Dessa forma, para Rocha (2000, p. 19) o currículo é “como um plano de estudos estruturado, cujas prescrições e conteúdos têm por objetivo disciplinar, regular,

normalizar, homogeneizar”. No entanto, para o grupo de pesquisadores Arrais Neto, Ricca e Souza (2016), o currículo é um elemento educativo implícito, que transmite valores, concepções sociais e visões de mundo. Os autores defendem a ideia de que as vivências cotidianas acontecidas em todo e qualquer espaço edificado, são educativas e comunicadoras. Aprendemos, com esse espaço edificado, concepções de mundo, de vida, perspectivas e formas de ver conteúdos, ao vivenciar práticas dentro da escola, independente de que grupo escolar estamos inseridos (ARRAIS NETO; RICCA; SOUZA, 2016). Frago (2001) nos diz que o espaço-escola é “um elemento significativo no currículo, uma fonte de experiências e aprendizagem” (FRAGO, 2001 apud ARRAIS NETO; RICCA; SOUZA, 2016 p. 145) e pode ser considerado, segundo Mesmin (1967), “uma forma silenciosa de ensino” (MESMIN, 1967 apud ARRAIS NETO; RICCA; SOUZA, 2016, p. 145).

Na mesma direção temos os textos de Ribeiro (2004) e Venturinel, Picarelli e Venturinel (2017). Estes também abordam o espaço como elemento constituinte do currículo, sendo ele caracterizado como “currículo oculto”. O segundo grupo de pesquisadores, Venturinel, Picarelli e Venturinel (2017), sustenta as suas reflexões no conceito de currículo oculto a partir dos estudos de Escolano (2001), trazendo a seguinte explicação:

A arquitetura escolar pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja, por si mesma, bem explícita ou manifesta. A localização da escola e suas relações com a ordem urbana das populações, traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende (ESCOLANO, 2001 apud VENTURINELI; PICARELLI; VENTURINELI, 2017, p. 1).

Tanto para Ribeiro (2004) quanto para Venturinel, Picarelli e Venturinel (2017), o currículo oculto constitui normas, valores e relações de poder que, embora não estejam explícitos, são efetivamente transmitidos pela e ensinados na escola.

### 3.4 SALA DE AULA: UM AMBIENTE ALFABETIZADOR

A organização da sala de aula, como um importante aliado do professor, favorecendo as interações e propiciando aprendizagens significativas, segundo Elisângela de Camargo Ferro (2013), é um assunto que tem sido muito explorado na última década por educadores e estudiosos da área educacional. A autora faz um

breve histórico sobre os pensadores preocupados com a temática da organização do espaço escolar, sendo os precursores na construção de uma educação para a infância: Froebel (1782-1852), Dewey (1859-1952), Montessori (1870-1952), Freinet (1896-1966) e Piaget (1896-1980). Atualmente, se tem os estudos de educadores contemporâneos, como Horn (2004), Zabalza (1998), Forneiro (1998) e Barbosa (2006) (FERRO, 2013).

No entanto, Ferro (2013) não especifica para qual modalidade de ensino esses estudiosos que referem sobre a organização do espaço se direcionam, se é para a Educação Infantil, os anos iniciais do Ensino Fundamental ou a Educação de Jovens e Adultos, entendendo que cada uma dessas modalidades de ensino possui as suas singularidades, características e interesses distintos, embora os autores mencionados já nos indiquem que referem-se a crianças.

Desse modo, pensando mais especificamente nos anos iniciais, temos a construção de um ambiente alfabetizador. Contribuindo para o tema, temos os estudos de autoras que tratam do conceito, de sua significação e de como ele pode ser um potencializador de aprendizagens. São elas: Vera Cristina Paulista da Silveira e Telma C. Amaral (2016); Elisângela de Camargo Ferro (2013); Aline Moreira e Luciane Vicente (2017); Leandro Gomes da Silva e Liamar Marques Pereira (2014); Edilânia Cardoso da Silva e Sidneya Ferreira Lira Duarte (2014).

Em relação ao conceito de ambiente alfabetizador, busquei primeiramente o Glossário do Ceale,<sup>6</sup> para compreender se o conceito vinha ao encontro do que pensava ser interessante para a pesquisa, isso, antes de fazer as buscas nas plataformas pelo conceito chave. O Glossário do Ceale diz que

A ideia fundamental é a de que o aprendiz da língua escrita é capaz de refletir sobre o sistema de representação, apropriando-se de seus sinais gráficos e de suas regras de funcionamento, a partir do contato intenso com os materiais escritos e da participação ativa em práticas de leitura e escrita de adultos (CEALE, 2014).

Assim, o professor sendo o mediador nesse processo de aprendizagem da leitura e da escrita, deve ter como estratégia pedagógica a organização de um ambiente capaz de estimular e desafiar o aprendiz em seu processo de aprendizagem. Ou seja, deve proporcionar ao educando um *ambiente alfabetizador*, selecionando

---

<sup>6</sup> Ceale: o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) é um órgão complementar da Faculdade de Educação da UFMG, criado em 1990, com o objetivo de integrar grupos interinstitucionais voltados para a área da alfabetização e do ensino de Português. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br>.



materiais de interesse das crianças, organizando a exposição e o trabalho desses materiais em sala de aula, lendo e escrevendo *para e com* as crianças.

Silveira e Amaral (2016) refletem que o ambiente alfabetizador pode ser um facilitador para o aluno no processo de descoberta do mundo da leitura e da escrita, se tornando, dessa forma, uma ferramenta no processo de aprendizagem (SILVEIRA; AMARAL, 2016). As autoras utilizaram os estudos de Ana Teberosky (2005) para conjecturar sobre o ambiente alfabetizador. Segundo Teberosky (2005), esse ambiente “é aquele em que há uma cultura letrada, com livros, textos – digitais ou em papel – um mundo de escritos que circulam socialmente” (TEBEROSKY, 2005 apud SILVEIRA; AMARAL, 2016, p. 7). Além disso, de acordo com Moreira e Vicente (2017), o ambiente alfabetizador pode ser encontrado ou definido dentro ou fora da escola, sendo que

O que caracterizou o ambiente de aprendizagem e ensino estudado foi a articulação dos vários contextos envolvidos no processo educativo, intra e extraescolares, somando recursos com vistas a alcançar um resultado favorável na alfabetização: a aprendizagem da leitura, da escrita e seu uso social (MOREIRA; VICENTE, 2017, p.15).

As autoras, Moreira e Vicente (2017), continuam as suas análises trazendo autores para fundamentar as suas reflexões, como Ferronato (2005). Este afirma que o objetivo da definição de ambiente alfabetizador está, justamente, em ser “ambiente”, disposto a oferecer subsídios para construções sociocognitivas que possibilitam aos sujeitos novas leituras de si e do mundo, sendo assim um ambiente preocupado em

Dar oportunidade de acesso a materiais de leitura às crianças de diferentes meios, particularmente os populares possibilitando-lhes o convívio com a cultura escrita [...] com materiais impressos [...] e com as práticas sociais de leitura e de escritas (MADEIRA, 2009 apud MOREIRA; VICENTE, 2017, p. 16).

Discorrendo ainda sobre o conceito de ambiente alfabetizador, os autores Silva e Pereira (2014) acrescentam que esse ambiente é caracterizado pela presença e uso de filmes, músicas, exposição das produções dos alunos em murais da sala de aula, cultivo de plantas, jornais, peças de teatros, desenhos, pinturas, esculturas de papel e argila para modelagem. Os autores fazem a análise de que o espaço da sala de aula deve ser dinâmico e criador de possibilidades para o processo de aquisição de conhecimentos (SILVA; PEREIRA, 2014).

Para além disso, as autoras Silva e Duarte (2014) apresentam o ambiente alfabetizador fora da sala de aula. O professor deve pensar nos outros espaços disponíveis da escola, como o laboratório de informática, biblioteca, quadra de esportes e até mesmo a sombra de uma árvore. Dessa forma, as autoras salientam que é importante o professor estar sempre buscando espaços onde a criança possa estar “socializada e instigada pela novidade do local, pela alegria da mudança e pelo prazer de interagir com o meio onde está” (SILVA; DUARTE, 2014, p. 2).

### 3.5 COMO ORGANIZAR UM AMBIENTE ALFABETIZADOR

Já que o ambiente alfabetizador se trata de uma ferramenta, é preciso saber o modo correto de utilizá-lo. Não basta os alunos estarem expostos a diferentes estímulos como textos, livros, cartazes, alfabetos distribuídos pelas paredes, dentre outros materiais, se esses não estiverem contextualizados com a realidade da turma que frequenta essa sala de aula. Compreende-se que é interagindo e participando do processo de construção do ambiente da sala de aula que as crianças terão condições de avançar no conhecimento, ou seja, com a atribuição de significados para esse ambiente (SILVEIRA; AMARAL, 2016).

Com isso, devemos estar atentos para as características que envolvem um verdadeiro ambiente alfabetizador. De acordo com Ferro (2013), apoiada em Teberosky (1986), existem algumas propriedades que um ambiente rico em cultura escrita deve apresentar, e esses podem ser resumidos em cinco categorias: inventário dos portadores e suportes escritos; tipo de linguagem escrita; localização e disponibilidade do material na sala de aula; qualidade do material para a criança; e tempo de exposição do material.

- **Inventário dos portadores e suportes escritos:** são os diferentes suportes da linguagem escrita. Os textos da vida cotidiana podem ser classificados como escritos urbanos (*posters*, painéis, folhetos, *outdoors*, cartazes, placas de ruas), escritos domésticos (rótulos das embalagens, receitas culinárias, bilhetes) e escritos de máquinas interativas (caixas eletrônicas, máquinas de café, máquinas de vendas de alimentos).
- **Tipo de linguagem escrita:** são os diferentes gêneros textuais.

- **Localização e disponibilidade do material na sala de aula:** refere-se à proximidade (localização dos materiais escritos na altura dos olhos das crianças) e facilidade de acesso aos materiais (localização dos materiais em estantes ao alcance das crianças).
- **Qualidade do material para a criança:** os aspectos mais importantes numa seleção de material para os alunos estão na qualidade e clareza das ilustrações e da linguagem, a previsibilidade do texto, sua extensão, o nível do vocabulário e dos conceitos.
- **Tempo de exposição do material:** trata-se de um comunicador das atividades e conteúdo que estão sendo desenvolvidos naquela sala, desse modo, a exposição do material deve acompanhar a sucessão das atividades, por esse motivo que esse material perde o sentido se for deixado na parede durante o ano inteiro, perdendo o seu caráter funcional e ganhando *status* de apenas decoração.

Além dessas cinco categorias, a autora Ferro (2013) complementa analisando, dessa vez, a dimensão física da sala de aula, fundamentada no teórico Assis (2013), que apresenta quatro elementos fundamentais para a organização da sala de aula: condições básicas de segurança; conforto ambiental; mobiliários; e materiais.

- **Condições básicas de segurança:** diz respeito às telas de proteção nas janelas, materiais pedagógicos e brinquedos seguros e apropriados para a faixa etária, mobiliário firme e resistente.
- **Conforto ambiental:** está diretamente relacionado aos cinco sentidos (tato, paladar, visão, olfato e audição), ou seja, as sensações que o ambiente pode provocar, por exemplo, uma sala de aula fria, barulhenta, com mau odor e pouca iluminação, pode afetar na concentração das crianças, consequentemente afetando o seu processo de aprendizagem.
- **Mobiliários e Materiais:** devem ser ofertados levando em consideração a diversidade, a quantidade e a qualidade e organizados de modo que favoreçam as interações, o acesso, a permanência e o uso. Devendo ser o espaço da sala amplo e com mobiliário flexível.

Ainda referindo sobre como podemos organizar um ambiente alfabetizador, os autores Silveira e Amaral (2016), Ribeiro (2004) e Serodio (2015) dão sugestões de como podemos organizar esse espaço, além de ressaltarem o surgimento de problemas posturais quando os mobiliários não atendem as demandas da turma.

Serodio (2015) salienta nos seus estudos a importância do mobiliário e as suas influências na aprendizagem, afirmando que esse espaço deve ser um promotor da autonomia das crianças, ou seja, a organização do espaço deve ser capaz de favorecer à criança a localização do material que deseja em determinado momento da aula, e para isso eles devem estar organizados por temáticas e ao seu alcance.

As autoras Silveira e Amaral (2016), apoiadas nos estudos de Russo (2010), descrevem algumas das opções para organização da sala de aula:

O cantinho da leitura;

A biblioteca da classe, com livros de todos os tipos e de qualquer ano escolar, com ou sem texto, sobre assuntos diversos, gibis, folhetos, artigos de jornal, revistas, palavras cruzadas, etc., trazidos pelos alunos e professores;

O cantinho dos números, com material concreto que permita desenvolver o raciocínio lógico e matemático, como blocos lógicos, material dourado, sudoku;

A fábrica da sucata, com materiais de diferentes tipos, formas, tamanhos, texturas e cores;

As caixas com material de uso coletivo, como giz de cera, lápis preto e colorido, tesoura, cola, etc.

O cantinho dos jogos, pedagógicos ou não, que envolvam alfabetização, matemática e outras áreas do conhecimento (RUSSO, 2010 apud SILVEIRA; AMARAL, 2016, p. 13).

Serodio (2015) complementa mostrando que espaços podem ser delimitados utilizando diversos materiais como panos, tapetes, estantes, cortinas, entre outros.

Além dos aspectos lúdicos e fatores que proporcionam um ambiente acolhedor, existe outro componente importante do ambiente escolar que é o mobiliário individual dos alunos, mesas e cadeiras que, de acordo com Ribeiro (2004), deve permitir o desenvolvimento das atividades e ser cômodo para os estudantes, a pesquisadora salienta ainda que:

Quando o mobiliário não leva em conta as características antropométricas do aluno e não se ajusta às suas demandas, provavelmente, surgirão transtornos posturais [lordose, escoliose, cifoescoliose] e cansaço, com serias consequências para a sua vida futura (RIBEIRO, 2004, p. 112).

A autora explica que essa má postura é decorrente de assentos inadequados na sua altura, largura e comprimento, afirmando que “as carteiras devem garantir comodidade ao aluno nos pontos fundamentais, como: espáduas, glúteos, músculos, pés, antebraço” (RIBEIRO, 2004, p. 112).

Pensando na forma como dispomos essas carteiras na sala, encontrei a pesquisa de Madalena Telles Teixeira e Maria Filomena Reis (2012) fora da revisão bibliográfica, mas que pela qualidade do texto julguei importante inserir como referencial teórico. As autoras utilizam os estudos de Arends (2008 apud TEIXEIRA; REIS, 2012) para explicar cada modelo de organização.

Segundo as autoras, o modo como é organizado esse espaço é reflexo da ação pedagógica do professor, do seu estilo de ensino: se gosta de ver todos os alunos ao mesmo tempo e/ou se gosta de realizar atividades em pequenos ou grandes grupos. Para isso, as autoras sugerem algumas estratégias que podem contribuir para o desenvolvimento da sua proposta de trabalho (TEIXEIRA; REIS, 2012).

É importante que o/a professor/a escolha qual a melhor maneira de organizar a sala de acordo com a sua proposta de atividade para um determinado momento, não significando que os educadores tenham de escolher apenas uma das maneiras de organizar as classes como padrão para todas as suas aulas, mas sim saber qual modelo irá contribuir para a realização das atividades.

### **3.5.1 Carteiras dispostas em filas**

A disposição em filas faz com que os alunos sentem, uns atrás dos outros, voltados para o quadro. Se imaginarmos o primeiro dia de aula de um grupo nesta sala, poderemos deduzir que eles irão encontrar algumas dificuldades para conseguirem se olhar, se reconhecer. A sala está voltada para o quadro e para o/a professor/a e não para o grupo. No entanto, se utilizada numa situação em que a atividade proposta necessite da produção individual dos alunos, esse seria o modelo ideal. Segundo Arends (2008 apud TEIXEIRA; REIS, 2012), esse modelo de sala de aula é de ensino expositivo, abordagem pedagógica que privilegia a explicação de novos conteúdos e informações aos alunos, requerendo um ambiente muito estruturado, caracterizado por um professor que saiba ser um orador ativo e por alunos que sejam ouvintes ativos. Deste modo, torna-se fundamental a planificação e a gestão do espaço numa aula expositiva (ARENDS, 2008 apud TEIXEIRA; REIS,

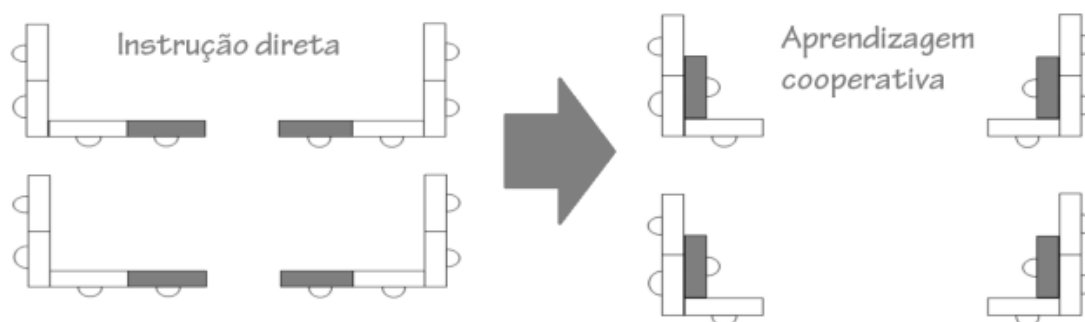
2012, p. 172). Contudo, se as carteiras sempre ficarem nesta disposição, isso mostra o que já citamos anteriormente, como sendo um meio de disciplinamento e total vigilância dos movimentos dos alunos.

### **3.5.2 Mesas agrupadas**

A disposição em grupos possibilita que os alunos conversem diretamente uns com os outros e possam ver os demais subgrupos. O quadro não é o centro e o/a professor/a pode estar em diferentes lugares, acompanhando os diálogos e os trabalhos de cada grupo. Este tipo de organização deve ser utilizado sempre que desejarmos propor produções escritas, conversas e discussões em pequenos grupos. Conforme Arends (2008 apud TEIXEIRA; REIS, 2012, p. 173), esse modelo é designado para aprendizagem cooperativa, pois favorece a interação e o diálogo entre os alunos, bem como a intervenção do professor que caminha pela sala participando das discussões deles. É uma maneira de oferecer condições para que o aluno possa utilizar seus conhecimentos prévios para debater no subgrupo que integra e encontrar soluções para os exercícios propostos pelo professor.

A reflexão torna-se presente neste tipo de agrupamento, já que o aluno precisa pensar e repensar a respeito de suas ideias para exteriorizá-las de maneira que traga acréscimo e qualidade de informações ao grupo. Dentro dessa categoria de mesas agrupadas, pode-se incluir a disposição das carteiras no modo de asa: uma disposição de lugares flexíveis, permitindo alternar entre uma aula de instrução direta para uma aula de aprendizagem cooperativa. Esse modelo funciona da seguinte maneira: os alunos ficam dispostos a formar uma espécie de L ou asa, e quando necessário, somente a última classe muda o seu lugar, sendo posicionada exatamente no ponto que junta as duas filas para formar um L. A Figura 2, a seguir, ilustra bem essa disposição:

Figura 2 – Instrução direta e aprendizagem cooperativa



Fonte: Adaptada de Teixeira e Reis (2012).

### 3.5.3 Cadeiras em círculo

A disposição das cadeiras em forma de círculo faz com que o lugar do professor não fique explícito, já que cada lugar está igualmente disposto em relação ao outro: as pessoas estão num mesmo patamar, voltadas para o centro do círculo, podendo olhar e dirigir-se a qualquer outra, sem qualquer dificuldade. A disposição em círculo melhora a interação livre entre alunos, permitindo-lhes conversarem livremente uns com os outros, e minimiza a distância emocional e física entre eles. Contudo, impede o professor de se movimentar livremente entre os seus alunos e/ou para o quadro (ARENDS, 2008 apud TEIXEIRA; REIS, 2012).

#### 4 CONSIDERAÇÕES E APRENDIZAGENS

Com o material empírico organizado, realizei as análises das pesquisas encontradas com a Revisão de Literatura, a fim de responder à questão de pesquisa por mim elaborada: o que nos dizem as pesquisas sobre a organização do espaço escolar como potencializador das aprendizagens nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Assim, a Revisão de Literatura colabora com a obtenção de informações atuais sobre o assunto pesquisado, permitindo perceber a pertinência ou não do tema pesquisado no campo da educação. Neste trabalho, a partir das investigações e reflexões de diferentes autores, apreendi que há uma importante preocupação com a questão do espaço escolar na relação com o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos, uma preocupação advinda de diferentes campos teóricos, mas aquelas que interessavam aqui vieram do campo da arquitetura e da educação.

Os trabalhos trazem reflexões sobre o espaço escolar como um elemento pertencente, constituinte do currículo escolar, sendo considerado uma forma silenciosa de ensino. Sendo ele algo inerente a todas as escolas, mas cada uma constrói o seu de acordo com o referencial pedagógico utilizado e as visões de mundo que constituem aqueles que participam da construção deste currículo (ARRAIS NETO; RICCA; SOUZA, 2016). Os autores pesquisados procuraram estabelecer o conceito de currículo para em seguida fazer as suas análises de como o espaço escolar se encaixa nele. Sendo assim, de acordo com os textos revisados, o currículo é o “percurso ou processo” de tudo o que ocorre dentro da escola e para todas as pessoas envolvidas no âmbito escolar (ROCHA, 2000). Com isso ele se torna um elemento educativo implícito que transmite valores, concepções culturais e sociais implicando diferentes visões de mundo. Por este viés, o espaço escolar se encaixa naquilo que alguns autores chamaram de currículo oculto, sendo ele constituído por normas e valores, que embora não estejam explícitos no currículo, são efetivamente transmitidos pela escola (VENTURINELI; PICARELLI; VENTURINELI, 2017).

Além disso, as pesquisas proporcionaram uma reflexão acerca da distinção entre o que é espaço e o que é ambiente, mostrando que são conceitos ligados e indissociáveis. Sendo assim, o espaço é caracterizado pelo conjunto de móveis, objetos e decorações organizados em um local edificado, já o ambiente é algo que se constitui dentro desse local edificado por meio de um conjunto de relações que se



estabelecem dentro dele, e estas relações são influenciadas pelo modo como esse local está organizado, influenciando nas interações que ele, o espaço, pode proporcionar ou bloquear. Em virtude disso, esses conceitos são considerados indissociáveis, pois um influencia na organização do outro.

Também foram localizados vários trabalhos que se ancoram no conceito de ambiente alfabetizador, tendo como ideia principal que o aluno possa estar inserido num ambiente intencionalmente organizado com artefatos da cultura escrita, um ambiente capaz de estimular e desafiar o aprendiz. Para isso, o professor, mediador desse processo de aprendizagem, deve selecionar os materiais de acordo com o interesse da turma e os organizar com a ajuda do grupo, pois é interagindo e participando do processo de construção do ambiente da sala de aula que as crianças terão condições de avançar no conhecimento, ou seja, é com a atribuição de significados para esse ambiente (SILVEIRA; AMARAL, 2016). Dessa forma, o ambiente se torna uma ferramenta importante e necessária no processo de aprendizagem das crianças, nesta direção algumas pesquisas até apresentam sugestões de como organizamos esse ambiente para que se torne lúdico e acolhedor. Concluem afirmando que não basta os alunos estarem expostos a diferentes estímulos se esses não estiverem contextualizados com a realidade da turma que frequenta essa sala de aula.

Por fim, foram localizados trabalhos que chamam a atenção para as questões de saúde do educando, como o surgimento de problemas posturais, quando os mobiliários não atendem as características da turma, idade ou série. O mobiliário individual, mesas e cadeiras, de acordo com Ribeiro (2004), deve permitir o desenvolvimento das atividades e ser cômodo para os estudantes.

Realizar as investigações sobre as publicações existentes nas plataformas de busca *online* para a produção desta monografia proporcionou o desenvolvimento de um olhar mais atento e cuidadoso para o modo correto de fazer essas buscas, percebendo que uma vírgula ou uma combinação de palavras podem tanto facilitar quanto atrapalhar para encontrarmos os materiais que desejamos. Dessa forma, esse é um tipo de trabalho que exige paciência e cuidado para que pesquisas importantes sobre a temática que desejamos não fiquem para trás. Além disso, é importante o momento de desenvolver os critérios de filtro para que não percamos o foco no momento da realização das análises.

Desse modo, ao realizar essa pesquisa, pude aprofundar sobre um assunto que me interessava e também me aproximar dos teóricos que refletem sobre o espaço escolar. Tal aproximação com os teóricos foi de extrema importância para a minha prática pedagógica, pois com eles consegui dimensionar a importância de uma organização do espaço escolar para os primeiros anos do Ensino Fundamental e analisar, agora de uma forma mais crítica, esses espaços de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

AQUINORD, Eliane Cristina Gallo; ARAUJO, Elisabeth Adorno de. Lugar-Escola: Espaços Educativos. **Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 8, n. 1, p. 221-248, jul. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S15186148201300010009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15186148201300010009). Acesso em: 29 maio 2019.

ARRAIS NETO, Enéas; RICCA, Diego Enéas Peres; SOUZA, Raphael Pires de. Arquitetura escolar: currículo ou curral. **Labor**, Fortaleza, v. 1, n. 16, p. 137-151, dez. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/6517/0>. Acesso em: 23 maio 2019.

ARRIADA, Eduardo; NOGUEIRA, Gabriela Medeiros; VAHL, Monica Maciel. A sala de aula no século XIX: disciplina, controle, organização. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 17, n. 2, p. 37-54, ago. 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/1649>. Acesso em: 29 maio 2019.

BENTO, António. Como fazer uma revisão da literatura: considerações teóricas e práticas. **Revista JA**, Funchal, n. 65, ano VII, p. 42-44, maio 2012.

CAMPOS, Leidiane Rocha Leodoro et al. A construção do ambiente alfabetizador no ensino fundamental de nove anos. **Pibid**, Paraíba, v. 1, n. 23333, p. 1-4, dez. 2010. Disponível em: [http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2011/anais/arquivos/0253\\_1228\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2011/anais/arquivos/0253_1228_01.pdf). Acesso em: 29 maio 2019.

CEALE. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (org.). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/glossario-ceale.html>. Acesso em: 15 jun. 2019.

CHAGAS, Sayonara Fernandes et al. Ambiente Alfabetizador: teoria versus prática - Um relato de experiência em turmas do 1º ano do ensino fundamental. **Fiped**, Campina Grande, v. 1, n. 4, p. 1-11, dez. 2015. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO\\_EV050\\_MD1\\_SA17\\_ID212\\_23102015213522.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV050_MD1_SA17_ID212_23102015213522.pdf). Acesso em: 29 maio 2019.

DÓREA, Célia Rosângela Dantas. A arquitetura escolar como objeto de pesquisa em História da Educação. **Educar**, Curitiba, v. 1, n. 49, p. 161-181, jul. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n49/a10n49.pdf>. Acesso em: 29 maio 2019

FERRO, Elisângela de Camargo. **Planejamento e organização do espaço da sala de aula como ambiente alfabetizador**. 2013. 32 f. TCC (Graduação) – Curso de Pedagogia, Educação, Instituto Superior de Educação Vera Cruz, São Paulo, 2013. Disponível em: [http://site.veracruz.edu.br/doc/ise/tcc/2013/ise\\_tcc\\_pedagogia\\_elisangela\\_camargo\\_2013.pdf](http://site.veracruz.edu.br/doc/ise/tcc/2013/ise_tcc_pedagogia_elisangela_camargo_2013.pdf). Acesso em: 28 maio 2019.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/17726224/livro-metodologia-cientifica>. Acesso em: 3 abr. 2019.

KUNZLE, Maria Rosa Chaves. Os espaços escolares e a constituição de um programa antidisciplinar. **Roteiro**, Joaçaba, v. 32, n. 2, p. 221-244, jun. 2007. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/45363334\\_Os\\_espacos\\_escolares\\_e\\_a\\_constituicao\\_de\\_um\\_programa\\_antidisciplinar](https://www.researchgate.net/publication/45363334_Os_espacos_escolares_e_a_constituicao_de_um_programa_antidisciplinar). Acesso em: 29 maio 2019.

LAUTENSCHLAEGER, Renata. **1º Ano do Ensino Fundamental, que espaço escolar é este?** 2006. 26 f. Monografia (Especialização) – Curso de Pós-Graduação/Especialização em Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental, PPGEDU, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/72424>. Acesso em: 13 maio 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projetos básicos, publicações e trabalhos científicos**. 7. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

MOREIRA, Aline; VICENTE, Luciane. **Ambientes Alfabetizadores e suas contribuições ao processo de alfabetização**. 2017. 27 f. TCC (Graduação) – Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Fronteira do Sul, Chapecó, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1365/1/MOREIRA%20e%20VICENTE.pdf>. Acesso em: 28 maio 2019.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

RIBEIRO, Solange Lucas. Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 31, p. 103-118, dez. 2004. Disponível em: [http://www2.uefs.br:8081/sitientibus/pdf/31/espaco\\_escolar.pdf](http://www2.uefs.br:8081/sitientibus/pdf/31/espaco_escolar.pdf). Acesso em: 13 maio 2019.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. **Desconstruções edificantes: uma análise da ordenação do espaço como elemento do currículo**. 2000. 244 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/27853>. Acesso em: 24 maio 2019.

SERODIO, Suzana. **A organização do espaço no 1º ano do Ensino Fundamental**. 2015. 48 f. TCC (Graduação) – Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/SUZANA%20CRISTINA%20FULA%20NETO%20SERODIO%20A%20importancia%20da%20organizacao%20do%20espaco%20do%201ordm%20ano%20do%20Ensino%20Fundamental%20de%20nove%20anos.pdf>. Acesso em: 13 maio 2019.

SILVEIRA, Vera Cristina Paulista da; AMARAL, Telam C. O Ambiente alfabetizador. **Iniciare**, Campo Mourão, v. 1, n. 1, p. 5-17, jul./dez. 2016. Disponível

em:

<http://revista2.grupointegrado.br/revista/index.php/iniciare/article/viewFile/2332/830>.  
Acesso em: 28 maio 2019.

SILVA, Edilânia Cardoso da; DUARTE, Sidneya Ferreira Lira. Ambiente Alfabetizador Além da Sala de Aula. **V Encontro Nacional das Licenciaturas: IV Seminário Nacional do PIBID**, Natal, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2014. Disponível em: <http://www.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital/wp-content/uploads/2013/03/Sidneya-Ferreira-e-Edil%C3%A2nia-Cardoso.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. Acesso em: 23 mar. 2019.

SILVA, Leandro Gomes da; PEREIRA, Liamar Marques. Ambiente alfabetizador: estudo de caso em escola pública no município de Gurupi - TO. **V Encontro Nacional das Licenciaturas: IV Seminário Nacional do PIBID**, Natal, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/15468785-Ambiente-alfabetizador-estudo-de-caso-em-escola-publica-no-municipio-de-gurupi-to.html>. Acesso em: 15 jun. 2019

TEIXEIRA, Madalena Telles; REIS, Maria Filomena. A Organização do espaço em sala de aula e as suas implicações na aprendizagem cooperativa. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, p. 162-187, 2012. Disponível em: <http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/138>. Acesso em: 29 maio. 2019.

VENTURINELI, Rogério; PICARELLI, Simone Seixas; VENTURINELI, Ricardo. A reorganização do espaço escolar e suas implicações pedagógicas: o caso exemplar da escola municipal de Ensino Fundamental “Desembargador Amorim Lima. **Acadêmica Integração**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-17, 30 jun. 2017. Disponível em: <http://fics.edu.br/index.php/integraacao/article/view/542>. Acesso em: 13 maio 2019.